



Gaiato

1 DE JULHO DE 1967
ANO XXIV — N.º 608 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



O edifício das Escolas-Oficinas da nossa Casa de Setúbal deve-se em grande parte ao trabalho dos Rapazes. É Obra deles!



SETUBAL

Inauguramos no dia 1 de Julho as nossas Escolas-Oficinas. Escolhemos a data para marcar o décimo segundo aniversário da abertura desta Casa do Gaiato por Pai Américo.

Instalados no Largo das Areias, no centro da Cidade, as oficinas beneficiam de uma largueza de espaço e de ar de acordo com a dignidade e a grandeza dos seus utentes. A Tipografia tem uma área em primeiro andar de 200 metros quadrados, sem contarmos escritório e gabinete. A Carpintaria, com um grande armazém ao lado, tem mais, para trabalho de máquinas e bancos, 200 metros quadrados. O mesmo acontece com a Serralharia.

Quisemos que tudo respirasse largueza, limpeza e ordem. É possível que as boas instalações que construímos com o nosso suor e a ajuda dos pobres venham a ser motivo de escândalo ou de crítica daqueles que desejariam ver os «coitadinhos» dos assistidos sempre em instalações provisórias ou precárias. Nós porém pensamos de forma diferente. Temos atrás de nós a experiência de uma Obra com mais de um quarto de século e que neste caminho encontra os melhores resultados humanos.

Têm sido muito duros os dias vividos! Não temos desanimado! Confiamos. A Obra deve-se em grande parte ao trabalho dos Rapazes. É Obra deles! Uma meia dúzia de pedreiros se fizeram fazendo-as. Deve-se à ajuda directa e escondida de alguns Amigos que a tomam como sua. Deve-se à multidão dos anónimos, na sua maioria pobres ou remediados, que nos mandaram os cinquenta, os cem ou os vinte escudos! Deve-se também, e com alegria o proclamamos, à compreensiva colaboração da Câmara de Setúbal. Por agora começamos somente com tipografia e carpintaria! A serralharia ainda não. Não temos máquinas. Não temos meios. Quem me dera ter! Quem me dera e eu cantaria um hino com os rapazes que querem ser serralheiros!...

Com doze anos saímos da escola primária e vamos para as oficinas! Como tem sido difícil acompanhar com o progresso da Obra a idade dos rapazes. Ao nosso esforço vamos buscar a maior parte do nosso progresso. Trabalho e verdade.

CONT. NA TERCEIRA PÁGINA

BARREDO

Do que tenho dito aqui, parece nem tudo corresponder a uma informação rigorosa da acção em benefício do Pobre do Barredo. Nunca pretendi, porém, esgotar tudo o que se tem feito, que é muito sem dúvida, sobretudo o que o Centro Social do Barredo na sua acção múltipla desenvolve. Quem, de modo algum, poderia subestimar quanto no aspecto educacional e médico-social das crianças, jovens e adultos, se tem feito com tanta competência, interesse e carinho de quem ali trabalha, na frente ou na rectaguarda? Tão pouco quanto aqui se escreve tem em vista pessoas; mas chamar a atenção geral para um problema que é de todos.

Tenho procurado, sim, apontar males que impedem que o bem seja bem feito, ou pelo menos seja mais eficaz e permanente. Para mim é aflitivo apesar de tudo, o panorama social do Barredo. Todo o bem, válido sem dúvida, me parece caduco, porque há dois problemas que frustram ou empobrecem toda a acção social. É o da habitação e da subsistência — «tudo quanto ofenda a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humana», o que o Concílio declarou «coisa infame». Estão interligados nas condições actuais. E mesmo removido o primeiro longe dali, o da subsistência não será fácil de resolver. A acção social atalha males e resolve situações que são consequência de males mais graves. Não podemos ficar satisfeitos com o que de bem se faz se o que força o bem a operar está em causas injustas. Seria como aceitar uma guerra, só pela satisfação de poder acudir aos mutilados e às populações sem abrigo e famintas. Não se nega esse bem como necessário e louvável, mas

Continua na TERCEIRA pág.

ÁFRICA

Recados da nossa vida e a boa vontade do Ministro do Ultramar levaram-me nas asas do Boeing 707 até Lourenço Marques. Três vôos relâmpago foram a viagem de poucas horas. Lisboa vi-a madrugar. Luanda estava a meia manhã. E Lourenço Marques estava a acender as luzes em filas simétricas e longas, ladeando as avenidas.

No aeroporto esperavam-me o Dr. João Loureiro com a esposa e uma das filhas. Foram abraços muito apertados e longos. Fomos unidos de infância e nunca mais nos separámos. Também o João Loureiro nunca perdeu o ideal de servir e tem mergulhado na alma e vida de Pai Américo. A sua

ida para professor dos Estudos Gerais Universitários foi a concretização do seu ideal.

O dia seguinte era domingo. Depois da Missa fomos ao Infulene ver onde há-de ser a futura Casa do Gaiato de Lourenço Marques. O local prendenos. O rio Infulene corta em duas a pequenina quinta e torna-a ansiosa de cultura. Há laranjeiras e papaias e mamões. A delicadeza e carinho de D. Alda levaram-na a plantar alecrim e giestas da Metrópole. Tudo ali chama por nós.

Comecei a segunda feira sem preguiça, pois os recados eram muitos e o tempo pouco. Entidades oficiais com quem tive de me avistar receberam-me

Continua na QUARTA página

Filhos ilegítimos?

No decurso da memória justificativa da sua redacção da lei, o Autor do capítulo sobre a filiação «encara» também «o problema pelo prisma da família legítima» para «confirmar a necessidade de manter a diversidade de regimes entre as duas espécies de filiação». E diz: «Se olharmos a família como entidade abstrata, teremos de reconhecer que ela seria muito abalada por qualquer tentativa legal de equi-

parar os parentes ilegítimos aos legítimos. Os vínculos jurídicos de família representam a consagração, por parte da lei, dos próprios laços morais que unem os membros dela; por isso, se se fizessem emergir aqueles vínculos da filiação ilegítima, apesar de, na realidade, ela não envolver laços morais, a consagração destes perderia todo o significado».

A primeira desgraça é o Autor olhar a família como entidade abstracta, com o mesmo à-vontade com que fecharia os olhos para tentar resolver um problema de geometria no espaço. Mas alguma vez se poderá caminhar para algo de autêntico, de consagrante, para algo que seja serviço do Direito da Família, encarnando-a como entidade abstracta?!

Continua na QUARTA página

VISTAS DE DENTRO

Durante a semana finda as minhas preocupações dominantes foram os animais.

Tudo começou no domingo à noitinha quando, dando uma volta pelo campo de futebol, vi volumes anormais dentro das camisas de alguns dos nossos. Indago que seja... Cada volume era, nada mais nada menos, que gatinhos recém-nascidos.

Deito as mãos à cabeça num gesto de admiração e ao mesmo tempo de preocupação.

Que quer dizer isto?

Encontrámo-los ali abandonados atrás dos portão e recolhemo-los.

Tudo certo. Eles também foram abandonados e sentem o que isso é.

Hoje têm um lar, são uma família e, por isso, até já tomam conta doutros abandonados, mesmo que animais.

Segunda-feira é o nosso «maioral» que me aparece com um periquito, que por sinal é mesmo bonito.

Então Chico; que é isso?

Olhe, ia pela quinta e vejo-o voar em minha direcção. Deitei-lhe a mão e ele não fugiu.

Mais um abandonado, agora em lugar de honra na nossa escadaria principal.

Terça-feira: Na cozinha dos porcos — com vossa licença, — oiço miar. Pensei que eram os felinos do domingo, mas enganei-me. Eram sim, mas outros dois, e mais crescidos.

— Que pouca vergonha é esta cá em Casa? Já não basta os trabalhos que vocês têm com os porcos, galinhas, patos, cães, rolas, periquitos, e sei lá que mais e ainda me arranjam mais gatos?!

Disse tudo isto um pouco mal humorado, pois os trabalhos estavam bastante atrazados.

Resposta desconcertante:

— É para tomarem conta dos ratos que andam no celeiro. Vencido, retiro-me.

Chego para a refeição da noite e noto, numa das mesas um zum-zum estranho.

— Que se passa?...

Que havia de ser!... um minúsculo cágado que Jacinto me mostra com ar todo satisfeito.

Já nem sei se desalentado, se triste, se contente, me deixo cair na cadeira e enfio as mãos na cabeça.

Porém, o principal ainda estava por vir.

— Senhor Padre! Senhor Padre! — oiço chamar na quarta-feira.

— Que foi?

— Olhe: a «Viana» teve porquinhos.

Lá vou eu todo contente até à pocilga. Já estava o Jacinto maior-lo «Carequita», que, todos satisfeitos, tratavam da parturiente e recém-nascidos.

Bateu o record esta nossa «Viana». Nada menos que 19 filhos.

Neste mesmo dia, ao cair da noite a «Andorinha» davanos mais 12 leitõesinhos.

Lá ficaram o Jacinto e Carequita, noite fora, de vigia, para os cuidar na amamentação.

Os cuidados tiveram de ser redobrados, visto as mães não terem leite para todos.

Agora é vê-los, os mais fraquinhos, ao colo dos seus tratadores, com o biberão na outra mão, a alimentá-los.

Mesmo assim, morreram 7. Os outros estão um encanto.

Porque o trabalho é muito e não se pode faltar à escola e ao zelo nas outras obrigações que eles têm, pedimos à esposa do nosso pintor, Sr. Melo, que é como da Família e até vive connosco, que dê uma ajuda.

Com esta colaboração já ando menos preocupado com os suínos.

Por estes dias, Manuel dos Santos o nosso avicultor, nas horas vagas do trabalho e da vida familiar, tinha tirado da choçadeira, além duns pintos e umas frangas, cerca de 80 patos.

Como não podiam estar junto aos adultos já existentes, toca de lhes arranjar ambiente propício para o seu desenvolvimento. Aproveitámos um tanque que há no jardim, mas não tinha água nem resguardo. Eu, com o maioral, lá os instalámos como devia ser e, para que os gatos ou cães não dessem cabo dos patinhos, colocámos o nosso «Tarzan» de sentinela, pois ele está habituado à boa convivência das aves.

Mas, mal eu imaginava o que me esperava na **Sexta-feira**...

Estando a dar uma volta à Quinta e a mostrar a um grupo de alunas dum dos Liceus de Lisboa que nos vieram visitar e trazer roupas por elas feitas, para os nossos e outros mimos, quando aparece o Manuel a dizer se podíamos aceitar a oferta de cerca de dois mil pintos nascidos naquele dia. Limitei-me a um lacónico:

— Isso é lá contigo. E continuei a explicação, às simpáticas visitantes, de como pensamos instalar a nossa futura Aldeia.

Mas cá dentro ficou a preocupação. Se o Manuel aceita, como é que havemos de instalar os pintos, pois nada temos preparado para tão grande produção?

Olhei para os futuros aviários, agora já a tomarem forma visível, e senti pena por não os ter prontos.

Vendo o Manuel em grande sobressalto, pergunto:

— Então, Manuel?

— Sei lá, Snr. Padre, onde vou meter os pintos. Não há comedouros, nem bebedouros, nem farinhas próprias, nem criadeiras, nem...

— Basta! exclamo. Não digas mais.

Mãos à obra. Eis a ordem.

Quando o Abel chegou com os 1.700 e tal pintos, já estava tudo mais ou menos preparado para os receber.

Como não me bastassem preocupações, P.e Luís, que andava por fora, a tratar de assuntos dos rapazes e da Casa, chegou.

Deram-lhe a notícia e lá vem ele até ao Casal ver como tudo estava. Ora o nosso P.e Luís é, também, Engenheiro Agrônomo e, lançando uma olhadela pelo trabalho feito, começa a dar das suas lições sobre instalação, condições de ventila-

ção e sei lá que mais técnicas e teorias e ordens. Já não sabia o que havia de fazer e não tinha coragem para lhe pedir um adiamento da lição, pois ele estava tão mestre e tão entusiasmado, e eu morto de cansaço e já era uma hora da madrugada.

Vendo, por fim, que tudo estava o melhor possível para manter na vida os nossos pintos, vim-me deitar.

Sábado, logo de manhãzinha fui ver se tudo tinha corrido bem. Dei um uf! de alívio. Só 3 mortos.

Vim celebrar e dei graças ao Senhor por mais esta riqueza e já não me lembrava dos trabalhos tidos, mas só da alegria que via em todos nós por todo este aumento da nossa família avícola.

Que alvoroço em todos! Que vida em Casa, por si já cheia de vida. Que feliz eu estava!

Ainda estava a meio do pequeno almoço quando Manuel me avisa:

— Logo temos mais pintos! — Que faço?... Onde os meter agora?...

Num momento de franqueza exclamo: — Leva-os para tua casa, pois já tenho muito em que pensar.

Acabámos a olhar um para o outro e a rir.

Como é que o Manuel os podia levar para sua casa, se ele nos tinha emprestado, na noite anterior a sua criadeira?

Lá fui com ele, mais todas as teorias, o que P.e Luís me tinha metido na cabeça, ver o que se podia fazer.

Para terminar digo-vos que, a sala de jogos dos nossos mais velhos teve de ser transformada em aviário.

Vieram mais 700 e tal e todos estão que é um amor.

Suámos muito, mas tudo se remediou e bem.

Demos graças ao Pai Celeste e agradeço ao benfeitor todo este trabalho que nos deu, fonte de preocupações é certo, mas de muita alegria.

Padre Abraão

Eu sei que quando o amor é verdadeiro, a distância aproxima, une. O «longe da vista, longe do coração» é a prova de que no coração nunca morou nada que não fôsse apenas, ilusória impressão.

Por isso me senti feliz — e sei que o mesmo sentimento estará em muitos corações amigos da Família de fora — com esta carta vinda de um dos nossos de Londres, a respeito do último «Cantinho dos Rapazes» aqui escrito glosando sugestões fornecidas pela carta de outró nosso ausente no Brasil.

Cantinho dos Rapazes

O último, como todos os outros, foi lido de ponta a ponta. Alegrou-me o saber que, como eu, casado há 6 anos feitos, agora a 14 deste mês de Maria, também um outro meu irmão, casado há nove meses, está ainda em lua-de-mel.

Afinal e graças a Deus, não sou só eu. Eu tenho tido vergonha de o confessar até agora, porque com os tempos que vão,

tal exame se tornam em vendavais medonhos. Permita porém, que daqui lhe dê uma simples sugestão. Peça aos meus irmãos mais velhos, que já são casados e vivem aí perto, que colaborem, dando esclarecimentos da vida prática em família, aos nossos futuros noivos. Reuni-los todos com as famílias dos já casados.

Correspondência familiar

Não é o seu aplauso, mas a sua presença, o seu sinal de vida à nossa vida, o que nos anima e compensa de algumas horas pesadas em que a vida também é pródiga.

E aí vai a carta com muita satisfação e forte desejo de que a meditem os nossos próximos casadoiros:

«Antes de mais, que esteja de boa saúde, igualmente desejo o mesmo, para todos os nossos Padres, Senhoras Colaboradoras e meus irmãos em geral, conhecidos e desconhecidos. Agora quero pedir-lhe perdão, por tão longa demora em dar notícias nossas. Por cá, eu e minha mulher vamos indo menos mal, graças a Deus.

Minha filha continua aí no Porto e por notícias semanais, sabemos que está bem de saúde. graças a Deus.

Não tenho escrito, porém não me esqueço de vós, pois cá continuo a receber o «Famoso» regularmente graças aos magníficos administradores do mesmo, que se não esquecem de mim, o que desde já, muito lhes agradeço.

estes desabajos de alma são olhados como casos suspeitos e tomados tantas vezes, por fanfarrices idiotas, mentirosas. Porém, eu dir-lhe-ei que, se fosse livre hoje, amanhã, casar-me-ia outra vez com a mesma mulher que Deus me deu.

Creio que, mais não lhe posso dizer, que melhor expresse o meu estado de viver actual. Por vezes, e não são poucas, nas minhas orações a Deus, eu agradeço o ter-me dado uma companheira tão boa, que acho que nem a mereço.

O Snr. Padre Carlos lamenta-se e diz que não sabe em que é que falhou na educação aos meus irmãos, casados actualmente? Eu creio que não falhou em nada! Tudo estava certo, nos meus tempos aí passados e tenho a certeza que tudo está na mesma agora. A falta, se a há nalguns esporádicos casos, deve-se aos próprios matrimónios. Eles, é que por certo se não compreendem a eles próprios, na maioria dos casos. Talvez que nunca tenham feito um bom exame de consciência comum, para fazer face a tantas questões, que por vezes não são mais do que tempestades num copo de água e que por falta do

uns perguntando, outros dando os necessários esclarecimentos. Isso já se faz em toda a Europa, tanto para eles, como para elas. Tenciono, se Deus quiser, ir aí por um mês a partir de meados de Agosto próximo. E para o efeito atraz descrito, conte com a nossa colaboração absoluta. Estou convencido de que muito haverá a ganhar e nada a perder se essas reuniões de que falo atraz se realizarem. E por agora creio que já me alonguei demasiado para o tempo de que o Snr. dispõe. Não desanime por amor de Deus, que não há erro nenhum na educação que dá. Um abraço para todos, destes vossos que lhe querem muito do coração e lhe pedem a benção de Deus».

Visado pela

Comissão de Censura



BARREDO

Cont. da PRIMEIRA página

poderemos louvar a guerra que o proporciona, seja qual for?!

O problema no fundo é um problema de egoísmo individual e colectivo. «Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos segundo a justiça secundada pela caridade» — diz o Concílio. O nosso mundo humano tem cores e contrastes como um quadro de pintor. Simplesmente, enquanto aceitamos esses contrastes pela harmonia que os mesmos produzem sensibilizando a nossa vista e gosto artístico, não podemos, no panorama do mundo, aceitar os contrastes sociais, nem eles produzem harmonia que satisfaça a nossa sensibilidade. Devemos deixar de olhar para o problema da Pobreza como um problema de caridade apenas, mas como um problema vital para a nossa sobrevivência. Bem sabemos que os mais fortes segundo o

mundo, são os que afinal garantem a continuidade do mesmo. Mas aí da sociedade que tem o homem, seja ele quem for, por escabelo de seus pés!

O Barredo é um problema do Porto e tem de ser resolvido com as forças do Porto. Eu gostaria, sim, de ver o Pobre promovido da sua miséria, a gozar como toda a gente um lugar ao sol. Só uma sociedade autenticamente cristã pode conceber o Pobre como um irmão e portanto, com todos os direitos e deveres iguais os nossos. Mas mesmo dentro da Igreja corremos o risco de instituir a caridade social como um instituto permanente para remediar males necessários.

Nunca nos cansaremos de pregar a Justiça antes da Caridade, embora «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos Pobres e de todos aqueles que sofrem, sejam também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos do Cristo» (Const. Pastoral).

Padre José Maria

Eu sei que esta coluna é enfadonha para muitos; mas também sei que ela é manjar sabroso para os que conseguem ultrapassar o numerário e dar com a alma dos que aqui depositam óbulos escaldantes e apaixonados! O pobre doente e inválido é pedra inquietante no caminho daqueles que disfrutam de saúde. Por isso, tantos aqui vêm inquietos. E outros tantos comungam aquela inquietação. É, por amor destes, esta coluna monótona.

Abre-a a «pecadora que de Deus espera protecção». Humilde portuense com os cem habituais em tantos meses quantos tem o ano. Agora, alguém com setenta anos sobre o dorso cansado, faz-nos poisar a caneta para lhe dar a palavra:

«No mesmo correio segue vale de cento e cinquenta. É a primeira vez que cá venho. É pró Calvário. Obra que tanta admiração. O Calvário é um Monumento dos maiores que se ergueram no mundo ao Homem. Sou uma pobre mulher de recados, que ajuntou este dinheiro para vos oferecer».

Não sabemos que mais admirar nestas linhas. Tudo é grande nelas. Comentar é empobrecer a riqueza da simplicidade!

Outra presença discreta é a «oferta para o Calvário» todos os meses. E mais outra com um «ofereço com amor esta miga-



lha». Maria Edwiges, lá de Alcobaca, não falha em todos os meses. Nós não lembramos ninguém. O amor, porém, não deixa esquecer. Mãe aflita com o filho no Ultramar vem com 20\$. Esposa de quem tanto amou estes doentes, com outro tanto.

Funcionário do Banco de Portugal com 4 notas novas. «Portuense qualquer» com 40\$. Mais migalha de 20\$ e um «que Deus ajude a juntar mais migalhas para vós».

Anónima da R. das Papoilas com 50\$00 todos os meses, há tantos deles! M. J. de Lisboa com outrotanto, pedindo orações. Maria e Artur enviam com sacrifício 1.500\$00 pelas graças que o Senhor lhes concede. Nada mais cristão do que o sentimento da gratidão. E nada mais belo do que traduzi-lo em amor concreto. Aquele que nos amou primeiro. Carolina com 500\$00. Amiga com 100\$00.

De Lisboa 50\$ mais 30\$, e ainda M. L. L. com 500\$, Maria Lopes com 50\$ e anónimos com 20\$ e 500\$. Do Luso 50\$, e mais 20\$. Do Estoril 20\$. De Viana 50\$00. Do Porto 100\$. De Albergaria metade. De Bragança 50\$. De Oeiras outro tanto. De Oledo, B. B., 20\$. De Envendos, roupas. De Braga mais 40\$. E de Guimarães, assinante com 40\$ outra com 10\$ e Manuel com 20\$. Dos Estados Unidos, 40\$.

De Soc. de Cristais do Porto 100\$ todos os meses. Professora «amiga dos 1 élhinhos» com 260\$ décima parte do ordenado.

Regente escolar com o aumento de ordenado. Assinante com 100\$ e outra com metade. M. Almeida com 100\$ para consolar os doentes com bolachas. João, de Lisboa, com 300\$.

Anónima com 2.000\$00 pedindo orações pelo marido.

Assinante 16264 com 40\$00. Ema dos U. S. A. com cinco dólares. A Farmácia Moutinho quer estar presente. Quantas não podiam fazer o mesmo. Temos tanta necessidade de antibióticos!

Ana Maria com 100\$. Maria Andrade com metade. Rosa Celeste, do Porto, com 50\$ por alma de amiga. Pecadora com 50\$.

Anónima com o dobro. De novo «Portuense qualquer» com 140\$.

Da C. G. D. de Braga a presença certa de uma funcionária. M. José com 100\$. Zé Ninguém com 1.000\$ e muita alegria no seu dar, que revela bem na carta que os acompanha:

«Enquanto viver, se Deus me der saúde, prometo-vos que as minhas renúncias não só ao su-

pérfluo como a outras coisas de que preciso, serão depositadas nas vossas mãos. Rogai a Deus para que eu possa continuar pois sinto uma enorme alegria, maior do que se recebesse uma prenda».

Isaura com 100\$. Ninguém — com o aumento de ordenado, 651\$70. Alentejana com roupas. Assinante 1391 com 50\$. Albano Fernandes com 200\$. Carolina com 500\$. Outra funcionária com o aumento de ordenado — 220\$. É uma variante cristã da gratidão para com Deus: repartir com os Pobres.

E por hoje mais uma pecadora com 50\$ para os irmãos do Calvário.

Padre Baptista

Setúbal

Continuação da PRIMEIRA pág.

Nada se esconde na Casa do Caiato. Não fizemos rifas, não pedimos participações, não calculámos o orçamento. Nada. Andámos para a frente. Eis!

Há dias alguém me confidenciava desgostoso: — Havia trinta contos para dar aos Pobres. Eu pedi que lhes entregassem porque você precisa muito e disseram-me que não; que a Casa do Caiato não precisava, que era uma organização rica e mais: que eram orgulhosos. Eu ouvi. Sei bem porque se falava assim. Eu fui há tempos bater à porta desses senhores e disseram-me que a esmola lá iria ter. Até hoje nada. Não queremos monopólio. Se temos, repartimos com os Pobres. Não fazemos pedincha. Se não temos, sofremos fome ou frio ou cansaço! E a verdade vem ao cimo da água como diz o Povo! As nossas Oficinas são a prova destas verdades eternas.

Eu quero ver nas nossas. Escolas-Oficinas no dia 1 de Julho às 17 horas os nossos Amigos. Quero que eles comunguem da nossa alegria. Não fazemos convites. Quero que os de longe que nos têm acompanhado saibam que os temos bem presentes.

Padre Acílio

BELEM

Eu já não sei há quanto tempo não dou aqui notícias! Mas foi desde aquele último apelo para a breve liquidação da dívida da Casa nova, que está reduzida, graças a Deus, a 100 contos.

Ao nosso Credor está agora a fazer muita falta esse dinheiro. Mas, porque é boa pessoa, amiga da Obra e conhecedor das suas dificuldades, continua esperando, pacientemente.

Pelo nosso lado, é grande o interesse em saldar a dívida, por ser condição indispensável ao progresso da Obra e à solução de muitos e graves problemas de educação das Belemitas.

Quando do nosso apelo alguns Benfeitores acorreram. Mas, como havíamos ficado sem reservas, na altura da entrega da última prestação, até hoje só foi possível pôr de parte 5 contos. Porque, a nossa linha de rumo tem sido não contrair outras dívidas além desta, tão pesada, da Casa nova.

Todos sabemos que há entre nós muitos que poderiam livrar-nos, sem demora, deste encargo, que não nos deixa avançar mais. Mas os que poderiam não querem e muitos dos que querem não podem.

Assim nos vai Deus provando na paciência e na esperança enquanto vamos pensando que também adentro das próprias obras há os que querem, mas não podem, enquanto outros poderiam mas não querem.

E assim se vão perdendo tempo, dinheiro, energias e muito valor humano, que é o mais preciso.

x x x

Nota de presenças:

De Paço de Sousa, vales de 300\$00, 5.000\$00, 1.000\$00 e 400\$00.

Por intermédio da Casa do Caiato do Tojal 410\$00 entregues no Montepio e 500\$ nas capas da Festa do Monumental.

Vale de 1.500\$00, do Padrinho da Jinha, que passaremos a denominar Padrinho João. Por Helena, de Lisboa, dois vales de mil, em Maio e Junho. Também da Capital, vale de 100\$, por Alda.

Voltou Gina Maria, com um de 115\$00. Duas vezes 150\$00 «para ajuda do pagamento da Casa Nova». Vale de 20\$00, de Julieta. O Casal Amigo, de Braga, sempre presente, assim

como Anónimo, de Lisboa, e Pai da Gracinha.

Dos sócios de Viseu 82\$50 com mais 51\$50, dos empregados da Caixa de Previdência.

Maria José, do Porto, enviou 100\$00 e Maria da Encarnação, de Lisboa, 50\$00. Da Praça da Batalha, Porto, 100\$00. Outro tanto, da mesma cidade, por Maria da Glória.

Maria Amélia enviou roupas, que também vieram de Queluz e outras terras, assim como calçado.

Maria, do Porto, enviou 20\$. A Emília, de Mosecavide, informo que recebi as quatro blusas de malha, que muito agradeço. 50\$00 duma Amiga de S. João da Madeira. Alice do Porto enviou 50\$00 «para pagar a Casa Nova». Cheque de 500\$00 dum José de Lisboa.

Estava a dívida em 100 contos e fica agora em:

100.000\$00

— 5.000\$00

95.000\$00

Bem hajam!

Inês — Belém — Viseu



Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

Não será tal mesmo uma profanação?! A Família é a primeira sociedade, a molécula da Humanidade, constituída por seres vivos, livres, com um destino eterno, ligados entre si por laços morais os mais primitivos, os mais fundamentais, por dizerem respeito à origem da vida, comunicada e recebida. Que há de mais concreto do que ela?! Como se pode olhá-la como entidade abstracta?

A segunda desgraça (que suponho filha da primeira) é a negação da existência de la-

ços morais à filiação que chama de ilegítima. Atrás — e parece-me que bem — afirmava que a lei consagra os laços morais que unem os membros da família atribuindo-lhes valor jurídico. Mas logo inverte a ordem ontológica, ao concluir da impossibilidade de vínculos jurídicos (segundo a sua mente!) a inexistência de laços morais.

Mas será que, na realidade, «qualquer geração, não obstante a ilicitude do acto que lhe deu origem», não envolve laços morais?... Então aquela criança a quem um acto ilícito deu vida, é um ser avulso,

errante no mundo, sem ligações morais ao homem e à mulher que a geraram? Será ela reduzida à condição de cria abandonada, a quem alguém preste alimento e protecção, mas a quem se não reconhece o direito a reclamá-los daqueles que lhe originaram a vida?! E esta ausência de laços morais não iliba os progenitores do dever de amparo àquele ser que deram ao mundo? A lei é quem parece não ter laços morais com a vida e com a realidade! Pois se ela é aliçada sobre a abstracção...!!

E, continua o legislador: «Se qualquer geração(...) se considerasse apta para gerar o mesmo poder paternal, os mesmos direitos, o mesmo estado das pessoas, isso significaria ser indiferente a licitude da filiação, e a família legítima perderia toda a razão de ser aos olhos dos homens, e passaria a ser vista mais pelos incómodos e responsabilidades por ela causados, do que pelos adornos de nobreza com os quais o regime vigente compensa e engrandece os mesmos encargos».

Eu tenho um certo acanhamento de dizer, mas devo-o à sinceridade e recta e construtiva intenção que nos faz debruçar sobre este tema tão no peito de Pai Américo: O contrário do que é transcrito acima é que me parece ter laços com a realidade.

Qualquer geração é de considerar-se apta para gerar o mesmo dever paternal, os mesmos direitos sucessórios e de alimentos, o mesmo estado das pessoas, porque, se a geração não é indiferente quanto à licitude, a filiação é que nada tem que ser arrastada pela falta de qualidade do acto de que não é responsável. Não sei em que é que a família legítima perderia valor ou razão de ser aos olhos dos homens, a o menos dos que ainda conservam restos de consciência moral, se a lei responsabilizasse por igual os pais ilegítimos em relação aos direitos dos seus filhos. Pelo contrário, na actual posição da lei é que os homens, pelo menos os de pouca ou nula consciência moral, se encontram dispensados dos incómodos e responsabilidades pela família legítima causados, gozando a vida a seu bel-prazer na irresponsabilidade pelas consequências dos seus actos, sorrindo dos tolos que constituem família legítima e mais «dos adornos de nobreza com os quais o regime vigente compensa e engrandece os mesmos encargos».

Pensou o legislador, em concreto, como seria algo diferente se a lei se preocupasse antes em compensar os filhos de pais ilegítimos, engrandecendo os encargos que deviam pesar sobre estes?

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

com agrado. O número de Amigos não diminuiu, nem envelheceu. Esperam a nossa ida com ansiedade.

Os dias ali foram poucos, mas pelo que vi e me contaram, a vida de muitos não é bem portuguesa. O nível de vida e costumes da África do Sul parece fascinar a nossa gente, numa hora em que a Pátria não pode prescindir de nenhum dos seus filhos.

O aspecto económico-social dos nativos impressionou-me. Pareceu-me encontrar para eles poucos meios de promoção. É um trabalho de dedicação e de gerações, dado o seu temperamento de lentidão e desmaselo. Mas é trabalho de todos os que têm consciência humana esclarecida e não só das autarquias. Ai de nós se não merecemos o esforço e vidas dos nossos antepassados!

Quinta feira seguinte regresssei a Luanda, onde encontrei P.e Telmo. Invejei os que vinham para a grande peregrinação de Fátima. Como também eu teria gostado tanto de ver o Santo Padre na terra onde nasci!

Luanda estava há pouco na noite e a distância até ao Seminário diocesano, onde nós recebem com muito carinho, foi muito pequena. Dia seguinte chegou P.e Manuel e os três fomos dar as nossas voltas. Gostei da simpatia com que

todos receberam nossos padres. Matei as saudades de há cinco anos. Vi uma cidade nova, com vida nova e com muitas promessas de grandeza.

De Luanda para Benguela deram-nos uma boleia de carrinha. Um dia todo de viagem! Um mundo de distância e de muita solidão, embora as estradas convidem a andar. A semana em Benguela foi de muitas vivências a acompanhar P.e Manuel. A Casa do Gaiato de Benguela é a menina dos olhos dos benguelenses. Tive vontade de ficar e não tornar ao ambiente mesquinho em que às vezes me encontro nesta zona de Coimbra, de tão afeito que já estou a discursos e promessas lindas.

A cidade de Benguela estava a festejar os seus 350 anos. Tudo era português! Tudo era nacional! Tudo era a nossa terra e a nossa gente!

P.e Telmo apareceu e levounos na Peugeot até Malanje. Foi outro dia todo. A nossa Casa do Gaiato de Malanje está a ser o coração da região. Como em Benguela, eu senti o calor de todos à nossa volta. A nossa presença é uma bênção! Os nossos padres e rapazes são um testemunho.

Pareceu-me que encontrei toda Angola acordada e com vontade de ser uma terra grande. Parti contente e com saudades.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

PELAS CASAS

DO GAIATO



Notícias da Conferência da NOSSA ALDEIA

O que recebemos — Um dos nossos — um dos meus — que foi de Paço de Sousa e abalou em tempos sem dar cavaco, está presente neste cantinho! Não resistimos, mesmo, a transcrever parte da sua carta:

«Fiquei contente por saber que sempre receberam o que mandei, pois sempre andava com uma certa preocupação. O que me levou a fazer isto foi simplesmente por no último artigo da «Conferência» dar-se por muito satisfeito quando afinal foram 2 ou 3 presenças e eu prometi a mim mesmo que havia de fazer alguma coisa e assim queira Deus que sempre o faça».

A carta é de um fugitivo, que ficou preso à comunidade. Um conforto para épocas de dias-não. E que serve de lição até para alguns que foram até ao fim insensíveis, talvez porque não houvessem sofrido... Aquele sofreu. É uma alma receptiva. E porque receptiva, dialoga. E porque dialoga, vive. E porque vive, opera. É nosso! A fuga foi um percalço. Tanto, que mostra praticamente lá fora quanto aprendeu cá dentro. És nosso. És meu! Deus te proteja. E não há dúvida que os teus maiores amigos são os Pobres...

Mais 50\$00 da Moita do Ribatejo. O dobro da assinante 4206. Mais 40\$00 da «Viúva do Porteiro». Que Deus a ajude! Mais 50\$00 do Porto, assinante 359 — é dos primeiros! — pedindo «uma oraçãozinha pelas melhoras dos meus doentes». Não serão esquecidos. Mais 20\$00, de um Vicentino de Faro, entusiasmado com o «Património dos Pobres». Que Faro o ouça e o Senhor dê Força aos Recoveiros dos Pobres para arrastarem com a sua Cruz. Mais 500\$00 de uma Senhora de Coimbra, que distribuiu outros mil para outros lados. Deus lhe pague! Aqui temos a assinante 17740: «Faz na próxima quarta-feira, dia 17, 22 meses que Deus chamou a Si o meu querido filho Rui. Envio os costumes dos 50\$00 para a Santa Missa pelo seu eterno descanso e o que sobrar para a Conferência. Que os contemplados roguem a Deus pelo seu eterno descanso. E para que Deus nos dê conformidade com a Sua Divina Vontade para que possamos criar as filhinhas que ele nos deixou para honra e glória da SS. Trindade». As Mães cristãs vivem e falam assim, ainda que o mundo se escandalize, por não compreender aquele «Deus nos dê conformidade com a Sua Divina Vontade, para que possamos criar as filhinhas que ele nos deixou para honra e glória da SS. Trindade». Depois desta, recebemos nova remessa de 50\$00 com o mesmo objectivo. Finalmente, uma carta cheia do Rio de Janeiro:

«Tenho 70 anos. Trabalhei e trabalhei muito. Não só porque o trabalho é um dever, mas também porque a vida me foi bastante adversa. Agora, porém, tenho saúde, a minha aposentação e uma casinha. Em acção de graças, resolvi dar 500\$00 para uma velhinha muito necessitada e desamparada. Primeiramente pensei em qualquer que não tivesse família alguma, porque agora também há o hábito revoltante de ninguém querer aturar os seus velhinhos. Lembro-me muito bem da minha avózinha paterna que viveu em casa de meus Pais cerca de 10 anos, até morrer, aos 96 anos de idade, sem aborrecimentos para ninguém, sem complicações nem problemas, apesar da modéstia da nossa condição. Hoje porém, lendo no «Gaiato», Notícias da Conferência da Nossa Aldeia («Gaiato» de 20 de Maio) pensei que o dinheiro poderia ser para a velhinha doente que jaz em uma cama que se des-

faz, para ter uma caminha mais confortável, pelo menos».

Estas cartas fazem muito bem: revelam e procuram desfazer mentalidades injustas, criadas pelo século das facilidades. Esta é a voz do sangue! Bendita senhora!

Júlio Mendes

Paço de Sousa

Há episódios que por vezes nos trazem à reflexão e neles muitas vezes achamos o valor intrínseco e a nossa pequenez humana.

Acontecem dia a dia, e em nossa casa mais um desses, que devem ser transcritos, o qual vai ser alvo da nossa atenção.

Muitos ainda e como é natural não conhecem o nosso Manuel Songa. Mas em breves palavras vou procurar relatar-vos, quem ele é.

Sua figura franzina, olhar meigo, (um olhar que revela dor,) é um moço de cor negra, de um negro puro... Começou a viver entre nós, há três anos, vindo da nossa Província de Angola, infestada ainda pelo vandalismo terrorístico.

Quis o acaso que mesmo assim, ele fosse vítima, tinha 12 anos, num ataque ao seu povoado da explosão de urânio granada, da qual resultou a perturbação cerebral de que hoje é vítima.

Já várias vezes se tentou combater essa mesma, mas não há probabilidades. Crê-se no entanto, que vá melhorando na medida da convivência humana. Mas quem o vê, com sua bondade, que sempre procura reflectir aos outros, depressa esquece e medita, se não será um exemplo!...

E aos senhores que cá vêm, ele com sua amabilidade vai junto deles como que a saudá-los, no seu ar naturalista. Aqui há dias um caso excessivo se passou de que ele foi o tema. Estávamos todos na refeição do meio dia, quando este caso surgiu:

Estando na mesa juntamente com alguns colegas, de entre estes encontrava-se o também nosso Ti João Manco, que pela sua avançada idade tem pernoitado connosco. Todos estavam a comer a sopa com excepção do Manuel. Nisto um dos seus colegas dirige-lhe a travessa, que ele rejeitou automaticamente e acrescentou no seu tom de voz um tanto surda mas compreensiva:

— Não; se Chuão.
E dirige novamente a dita ao seu lugar.

Foi um caso que embora aos olhos de muitos não parece ter grande importância mas se reflectirmos achar-lhe-emos o sentido palpável que tem. E daremos mais uma vez razão à celeberrima palavra da Escritura: «Da boca do inocente sai a verdade».

Outro exemplo deu ele a um dos dos nossos que há dias mo contou:

— É pá fiquei abanado!
— Então porquê?
— Olha recebi hoje uma lição.
— O que foi? Conta!
— Ia a passar ao lado das nossas alminhas, quando vi um miúdo a chorar, mas não liguei nenhuma. Quando vejo correr para o local o Manuel Songa, dobra-se sobre ele e com que carinho ele não o acariciava!

Então voltei atrás, focando este exemplo, que me serviu de lição. Pois é verdade. Servem os inocentes tantas vezes como exemplo! Quantas?!...

José Ferreira